

Bloco de Notas

Repensar o processo afegão

A propósito de democracia em países que não estão preparados, o International Crisis Group alerta, num relatório de Junho, para o caso do Afeganistão e para o processo de elaboração de uma nova Constituição. “O documento que deve exprimir os valores e as aspirações de um povo pode não ter legitimidade generalizada porque está a ser elaborado de uma forma rodeada de secretismo e sem que sejam prestadas contas”, avisa o ICG, aconselhando a que todo o processo seja repensado. O resultado é que, mesmo que a Constituição venha a ser declarada, “ninguém, incluindo os que controlam o poder estatal, tem incentivo para a respeitar”. Segundo o ICG, poderá estar a haver alguma precipitação no que se pretende que seja a transição democrática afegã, e talvez seja necessário imprimir um ritmo mais lento ao processo. “É preciso mais tempo para criar uma verdadeira instituição democrática”, sublinha o grupo. Em termos concretos, isto significaria abandonar os planos para a realização de uma Loya Jirga Constitucional (assembleia tradicional) – que corre sérios riscos de não ser representativa e de não ter credibilidade – no próximo mês de Outubro, e usar as eleições legislativas previstas para 2004 para criar uma assembleia nacional que discuta e aprove a Constituição. 📖



A estratégia de Putin

Num artigo intitulado “Putin altera o equilíbrio de forças EUA-Europa-Rússia”, Angela Stent, da Universidade de Georgetown, analisa na revista alemã *Transatlantic Internationale Politik* as opções estratégicas do Presidente russo. No início do novo milénio, Moscovo “parece ter feito uma escolha pragmática para desenvolver uma relação de maior cooperação com o Ocidente”, escreve Stent, que considera que esta escolha se deve essencialmente a razões económicas. A Rússia tornou-se um parceiro importante para os EUA, com quem concorda em alguns assuntos em relação aos quais os EUA e a Europa discordam. A autora explica que a actual relação entre americanos e russos tem como base uma negociação tácita, tendo em conta que “a grande importância da Rússia reside na sua capacidade para apoiar a guerra ao terrorismo facilitando as operações americanas na Ásia Central e fornecendo informações”. Em troca, “Washington tem-se mantido silencioso sobre os défices democráticos da Rússia, que vão da guerra na Tchetchénia aos limites à liberdade de imprensa”, e George W. Bush apoia Putin na realização “do seu objectivo principal – a modernização económica e a integração na economia global”. 📖



Como lidar com a Coreia do Norte

Quais as opções que os EUA têm para lidar com o programa nuclear da Coreia do Norte? Essencialmente duas, segundo a *Jane's Intelligence Review*: a negociação ou o isolamento. A primeira enfrenta o problema da confiança (Pyongyang tem fama de ignorar os compromissos que assume) e da verificação. “Se a verificação no Iraque foi uma tarefa difícil, argumentam os opositores desta via, na Coreia do Norte será impossível dado o secretismo do regime e a sua hostilidade a interferências exteriores”, explica o artigo de James A. Foley. O isolamento ou uma abordagem dura “têm alguma possibilidade de, eventualmente, produzirem resultados”. Mas, salienta, o problema com esta política é a questão da proliferação. Isolar a Coreia é perder os instrumentos para a impedir de desenvolver o seu programa nuclear. E isso, segundo Foley, “pode provocar na região uma corrida aos armamentos de proporções assustadoras”, envolvendo nomeadamente o Japão e a Coreia do Sul. A conclusão do artigo é a de que “dada a ausência de alternativas, Washington terá que conter a sua fúria e chegar a algum tipo de entendimento com Pyongyang”. 📖



Liberdade constitucional ou democracia?

O número de Maio/Junho da *Foreign Affairs* inclui uma crítica ao livro *The Future of Freedom*, de Fareed Zakaria, o editor de política internacional da *Newsweek*. No livro, que a revista classifica como “provocatório”, Zakaria defende duas ideias polémicas: a primeira é a de que muitas sociedades em vias de desenvolvimento deveriam ter, pelo menos durante um período transitório, “regimes autoritários liberais” e que o Ocidente não deve tentar impor-lhes democracias de forma muito rápida; a segunda ideia é a de que a própria sociedade americana precisa hoje de menos democracia e não de mais. John B. Judis, que assina a crítica, considera que a segunda ideia é menos bem defendida do que a primeira. Ele concorda que “a obsessão americana com a democracia eleitoral perturbou a sua compreensão de países como a Rússia, a China e a Coreia do Sul e levou, por vezes, a escolhas políticas desastrosas”. Zakaria estabelece uma distinção entre “liberdade constitucional” e “democracia” e defende que a melhor forma de ajudar os países em vias de desenvolvimento a transformarem-se em democracias liberais é promovendo a liberdade constitucional e não necessariamente os processos eleitorais. Um dos exemplos que dá é o de países do Médio Oriente nos quais, se houvesse eleições agora, venceriam os fundamentalistas. Segundo Judis, ele não fala especificamente no Iraque “mas as implicações da sua análise são claras”. 📖

